

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# ORIENTAÇÃO DE PESQUISAS PRODUTORAS DE OUTRAMENTOS

Daniela Franco Carvalho

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7627>

Submetido em: 2023-12-05

Postado em: 2024-01-02 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Leandro Belinaso (ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3275-7238>)

## ORIENTAÇÃO DE PESQUISAS PRODUTORAS DE OUTRAMENTOS

DANIELA FRANCO CARVALHO<sup>1</sup>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4476-7903>

[danielafranco@ufu.br](mailto:danielafranco@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, Minas Gerais (MG), Brasil.

**RESUMO:** Nesse texto apresento o processo que tenho realizado junto aos estudantes de iniciação científica, trabalho de conclusão de curso, mestrado e doutorado que envolve a produção de narrativas de si na tentativa de criar uma escrita singular que seja evocadora de outramentos. Dialogo com o teórico Bakhtin sobre alteridade e singularidade, entendendo a pesquisa como potência de nos tornarmos outros em uma rede de afetos. Apresento a composição de narrativas de cinco pessoas que orientei e discorro sobre o ecossistema de orientação que tem proporcionado a elaboração de investigações como evento singulares.

**Palavras-chave:** singularidade, narrativa, criação, afeto.

### RESEARCH GUIDANCE FOR OTHERING YOURSELF

**ABSTRACT:** In this text, I present the process I have been carrying out with undergraduate, graduate, master's and doctoral students, which involves the production of self-narratives in an attempt to create a singular writing that evokes otherness. I talk to the theorist Bakhtin about alterity and singularity, understanding research as the power to become others in a network of affections. I present the narratives of five people I've mentored and discuss the mentoring ecosystems that have enabled the development of investigations as singular events.

**Keywords:** singularity, narrative, creation, affection.

### ORIENTACIÓN DE LA INVESTIGACIÓN PRODUCCIÓN OTROS

**RESUMEM:** En este texto presento el proceso que vengo llevando a cabo con estudiantes de grado, último curso, máster y doctorado, que implica la producción de auto-narrativas en un intento de crear una escritura singular que evoque la alteridad. Dialogo con el teórico Bakhtin sobre alteridad y singularidad, entendiendo la investigación como el poder de convertirse en otros en una red de afectos. Presento las narrativas de cinco personas de las que he sido mentora y discuto los ecosistemas de mentoría que han permitido el desarrollo de la investigación como un acontecimiento singular.

**Palabras clave:** singularidad, narrativa, creación, afecto.

## INTRODUÇÃO

Na ânsia por querer encontrar caminhos para que o processo de orientação de estudantes de trabalhos de conclusão de curso, iniciação científica, mestrado e doutorado fosse uma oportunidade autêntica de criação, me deparei com o texto da Sueli Rolnik em que afirma que “para suscitar este aprendiz/criador no aluno, o professor tem que estar podendo suscitá-lo em si mesmo e isto depende dele ir sempre desfazendo sua condição de escravo de um eu, para ir conquistando a possibilidade de se deixar conduzir pelas marcas”(ROLNIK, 1993, p.249). Marcas que na concepção da autora são “estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo” (ROLNIK, 1993, p.242).

Pensei nas minhas marcas.

Naquilo que por ter sido vivido e adensado em minha memória, me traz desassossego, e me impulsiona a criar, a pensar, a produzir.

Nos últimos anos, me coloquei em busca daquilo que me sensibilizava, que me conduzisse ao desassossego, e que me colocasse inevitavelmente em movimento de aberturas. Nesse período, ingressei em campanhas pela qualidade do ensino público junto ao movimento sindical da universidade, constituí um grupo de estudos da teoria Bakhtiniana, adotei a prática da meditação tibetana como hábito diário, comecei a fazer aulas de dança, passei a escrever microcontos com essência feminista entremeados com fotografias de detalhes cotidianos, fui aprender a tocar pandeiro e a bordar. Assim, dez anos após concluir as primeiras orientações de mestrado no programa de pós graduação em Educação me percebo em processos outros que me impedem de proceder à orientação de pesquisas meramente técnicas.

Tenho compreendido a orientação, e a própria pesquisa, como uma produção de sentidos que instaura uma dimensão do fazer a partir daquilo que nos provoca visceralmente. Um encontro com as marcas, muitas vezes desconhecidas, que nos catapultam para o desejo de estudo, compreensão de temáticas, de si e do mundo.

A cada orientação, a cada pesquisa que produzo, tenho me percebido em transitoriedades.

Em outramentos.

Arthur Rimbaud, conforme escreveu na carta endereçada a Georges Izambard, em 13 de maio de 1871, o “eu é um outro!” – permanente outramento de si – ou abertura, fenda, para o indeterminado, o instável, o imprevisível.(...) Nesse sentido, o poeta considerava tal experiência de alteridade como possível somente através de ações de desregramento das formas com que vemos o mundo (MACEDO e DIMENSTEIN, 2009, p. 158).

“Oustramento” é uma expressão criada por Fernando Pessoa, e diz respeito ao processo de diferenciação de si, de se tornar outro (“outrar-se”) a partir do encontro com a alteridade (ESPERANDIO, 2011, p. 425). A diferenciação de si, ou seja, o outramento, só é possível a partir do encontro com o outro, do encontro com a alteridade cuja diferença nos convoca a uma nova composição de nosso território existencial (ESPERANDIO, 2011, p. 427).

Pessoa foi o mestre que elaborou sua própria versão da matrioshka – também conhecida por babushka: um sujeito, dentro de outro sujeito, dentro de outro sujeito, dentro de outro. Sempre haverá outro, nunca o mesmo. Sua versão das bonecas russas diverge desse brinquedo tradicional. Se as maiores são feitas de materiais diferentes, mas ocas, a do centro, a última, é sólida. Em Pessoa não encontramos essa solidez, apenas o desdobramento estilhaçado do sujeito que não é (ZANDONÁ, 2015, p.45).

Desse modo, pode-se dizer com Rimbaud “J’est un autre” (eu é um outro), conjugando a si mesmo ou o eu (primeira pessoa) como um outro (na terceira pessoa) (SCHUBACK, 2011, p. 136).

Essa percepção de estar em outramentos se conjuga à percepção de dialogia na teoria Bakhtiniana, tendo a palavra do outro como força que impulsiona o diálogo - a vida - uma vez que para Bakhtin (2022, p.293) “a vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo”.

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (...) estão repletos de palavras dos outros. (...) introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (...) Em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, (...) descobriremos as palavras do outro ocultas ou semi-ocultas, e com graus diferentes de alteridade (BAKHTIN, 1979, p. .314-318).

Para Bakhtin, “a única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso (BAKHTIN, 2003, p. 348). E nessa compreensão, a vida só termina quando a participação nesse diálogo cessa.

O estabelecimento da relação eu-tu, que emerge da concepção dialógica, deve ser entendido como um deslocamento do conceito de sujeito. O sujeito centrado é substituído pelas diferentes vozes sociais que o tornam um sujeito histórico e ideológico (PIRES, 2002, p. 41). Nesse sentido, viver um estado de outramento “consiste em tornar-se estrangeiro de si mesmo, possibilitando-lhe experimentar-se em novos espaços e modos de existência” (KIRST e colaboradores, 2003, p.96). E, muitas vezes, essa experimentação pode ocasionar em estranhamentos acerca do próprio pensamento pois

quanto mais intensamente se capta e se acolhe a diferença produzida na dimensão invisível do encontro (o que se passa entre um e outro, não a simples percepção da diferença de um e de outro), mais intenso é o mal-estar na subjetividade (ESPERANDIO, 2011, p. 439).

Percebi-me em outramentos no processo de orientação dos estudantes que dividem comigo as intencionalidades de pesquisas, as angústias cotidianas, os desafios da docência, a vida. Temos nos tornado outros à medida que nos escutamos e nos envolvemos na diferença e na singularidade da existência de cada um. Em diálogo ininterrupto. Em questionamentos. Um entre, em pausas entre o que éramos e o que passamos a ser. Para Schuback (2011, p. 131), “o que não vem à palavra é precisamente esse entre que constitui a vida de toda passagem, transição e acontecer, e que deve ser considerado a espacialidade e a temporalidade de um outrar-se”.

Tenho imaginado a pesquisa, a orientação, nessa produção de outramentos que se materializam a partir de nossas marcas, dos vividos. Uma intenção de “produzir narrativas que façam tocar nossas experiências de modo a dialogar as marcas de quem escreve com as marcas de quem as lê, de forma que se gere um comum, coletivos, para pensarmos acerca das questões que nos atravessam (MACEDO e DIMENSTEIN, 2009, p. 164). Num entendimento conjunto com Resende e colaboradores (2019, p. 227), de que “procuramos potencializar a vida a partir de criações possíveis”.

E assim passei a me envolver no processo de orientação questionando os estudantes sobre essas criações. Entendendo a pesquisa como potência de nos tornarmos outros em uma rede de afetos.

## **ORIENTAÇÃO DE PESQUISAS PELA SINGULARIDADE**

Um dos conceitos centrais em Para uma filosofia do ato responsável é o de singularidade, mobilizado por Bakhtin para expor suas reflexões sobre o dever

não como princípio universal, mas como determinado justamente a partir de uma situação única e de um tempo-espço também único e concreto no qual se encontra o sujeito (que é igualmente único), ou seja, a partir de uma conjuntura e de um sujeito singular. Essa noção de singularidade permite compreender, então, a razão pela qual cada sujeito apresenta um ponto de vista único sobre o mundo e, conseqüentemente, determinada percepção sobre a verdade de um evento (SEIDEL, 2022, p. 40).

A partir do aprofundamento de estudos teóricos da obra de Bakhtin, passei a compreender que cada vez que me encontrava diante um estudante estava também diante de uma infinidade de eventos vivenciados por aquele sujeito, dos quais eu não tinha conhecimento, e que se constituíam em fontes de singularidade construída a partir das relações estabelecidas e pensamentos circulantes. Seidel (2022, p. 44) afirma que “o eu-para-mim é construído a partir do eu-para-os-outros, o que significa que a singularidade não é totalmente dada a priori, originando um valor positivo em si mesmo, mas é instaurada em correlação com outras singularidades”.

Passei a me interessar cada vez mais por compreender como essas singularidades se materializam na pesquisa acadêmica. Em como se torna vibrante estruturar uma pesquisa que possa “nascer como o ethos criativo da singularidade” (SCHUBACK, 2011, p. 135).

Bakhtin (2010, p.96) elabora um pensamento no qual toma a “participação no existir como evento singular”, único e insubstituível. E para que um conteúdo se torne realmente experienciado pelo ser que o vivencia, precisa ser perpassado pelo tom emotivo-volitivo. Pinheiro e Leitão (2010, p. 96) afirmam que “o tom emocional-volitivo, no texto bakhtiniano, parece aludir à realidade encarnada, entoada nas palavras enunciadas pela ‘outridade’”.

Nenhum conteúdo seria realizado, nenhum pensamento seria realmente pensado, se não se estabelecesse um vínculo essencial entre o conteúdo e o seu tom emotivo-volitivo, isto é, o seu valor realmente afirmado por aquele que pensa. Viver uma experiência, pensar um pensamento, ou seja, não estar, de modo algum, indiferente a ele, significa antes afirmá-lo de uma maneira emotivo-volitiva (BAKHTIN, 2010, p. 87).

Nesse sentido, Seidel (2022, p.44) aponta que “a experiência vivenciada pelo sujeito é da ordem da unicidade, de modo que experienciar um objeto, por exemplo, isto é, entrar em contato com ele, exige considerá-lo em sua unicidade”.

Mas como estimular estudantes imersos em condicionantes do meio universitário, por vezes tão rígido, a perceberem a pesquisa nesse aspecto da unicidade, de forma emotivo-volitiva? Como construir uma relação com os orientandos em que a singularidade de cada um de nós nos afete por meio do diálogo? Como propor uma pesquisa produtora de outramentos?

## **ECOSSISTEMA DE ORIENTAÇÃO**

Ao me deparar com o trabalho do pesquisador português Domingos Loureiro (2022) sobre o ecossistema de criação, no qual propõe estratégias para identificar o aspecto autoral de estudantes artistas no campo da pintura, compreendi que as proposições que tenho direcionado aos orientandos se constituem em um território de experimentação coletiva cujo produto – a definição do tema da pesquisa – se assemelha ao projeto artístico mencionado nessa investigação.

Para Loureiro (2022, p. 114), “o projeto artístico será sempre muito indefinido ou de determinação parcialmente deficitária, dado que se apresenta como um corpo fluido

e flexível, onde cada circunstância poderá determinar leituras distintas”. Esse movimento fluido é possível de perceber nas narrativas que os estudantes compõem, que ora enfocam questões pessoais, ora condições de trabalho, ora dimensões sociais e que, conjuntamente, dão corpo a um pensamento. “O projeto artístico será vulnerável a eventos circunstanciais pessoais, internos, e sobretudo, externos” (LOUREIRO, 2022, p. 114).

O projeto artístico é eixo charneira do Ecossistema da criação, pois é no direcionar desse território que a investigação e a criação encontram ferramentas, motivações, afeções, conhecimentos e conteúdos, para determinar maior ou menor funcionamento desse ecossistema (LOUREIRO, 2022, p. 126).

Loureiro (2022, p. 118) afirma que três domínios participam em um projeto artístico: o lado afetivo que remete para dimensões empíricas e do território do sensível, nem sempre consciente; a formação onde se insere a técnica, linguagem, cultura, história, modos de pensar e atuar; e o discurso, relacionado à vontade de comunicar.

Dessa forma, associa o projeto artístico ao projeto de pesquisa; e o ecossistema de criação ao ecossistema de orientação, que por si permite a criação, a produção de outros.

Na mesma projeção que tenho desafiado meus estudantes, Loureiro busca incentivar a criação do projeto artístico por meio da elaboração de narrativas.

Através da narrativa será possível compreender e identificar algumas dimensões que caracterizam e atuam na definição do sujeito, recorrendo-se sobretudo a processos de descrição de histórias de vida, ou na reflexão sobre o posicionamento do sujeito perante situações presentes e passadas (LOUREIRO, 2022, p.115).

Esse posicionamento tem sido fundamental para a construção coletiva, durante o processo de orientação, do tema de pesquisa que emerge da rica percepção de si a partir do que é narrado das histórias de vida.

A construção de enunciado projetual informado sobre narrativas pessoais direciona-se para a autonomia e posicionamento perante o mundo (...). A identificação das características pessoais e das narrativas de vida, podem determinar o uso de processos aparentemente auto-condicionantes para produzir paradoxais respostas de liberdade ou de expansão motivacional (LOUREIRO, 2022, p. 120).

Provavelmente, a experiência de narrar sobre si, levando em consideração aquilo que se constitui como as marcas do vivido, impulsiona o estudante a uma afirmação do que se é e que, dessa forma, passa a se permitir agir em maior liberdade perante os desejos de pesquisa que estão em conformidade com o tom emotivo-volitivo. Essa mobilização acaba promovendo uma expansão motivacional, que tenho percebido sobretudo na dedicação à escrita, tanto em intensidade como em uma brevidade de tempo.

Após dezenas de orientações nesse movimento, consegui estruturar uma base fundante comum do processo, mesmo sabendo das sutilezas que acompanham cada experiência, tendo em vista a singularidades de cada estudante e o respeito àqueles que não se sentem confortáveis nesse ecossistema de orientação.

Início por uma conversa sobre os interesses, se já há uma percepção do que se deseja desenvolver na pesquisa, questiono sobre as experiências anteriores no campo investigativo, as leituras que aprecia e, caso tenha um pré-projeto solicito para que me apresente brevemente.

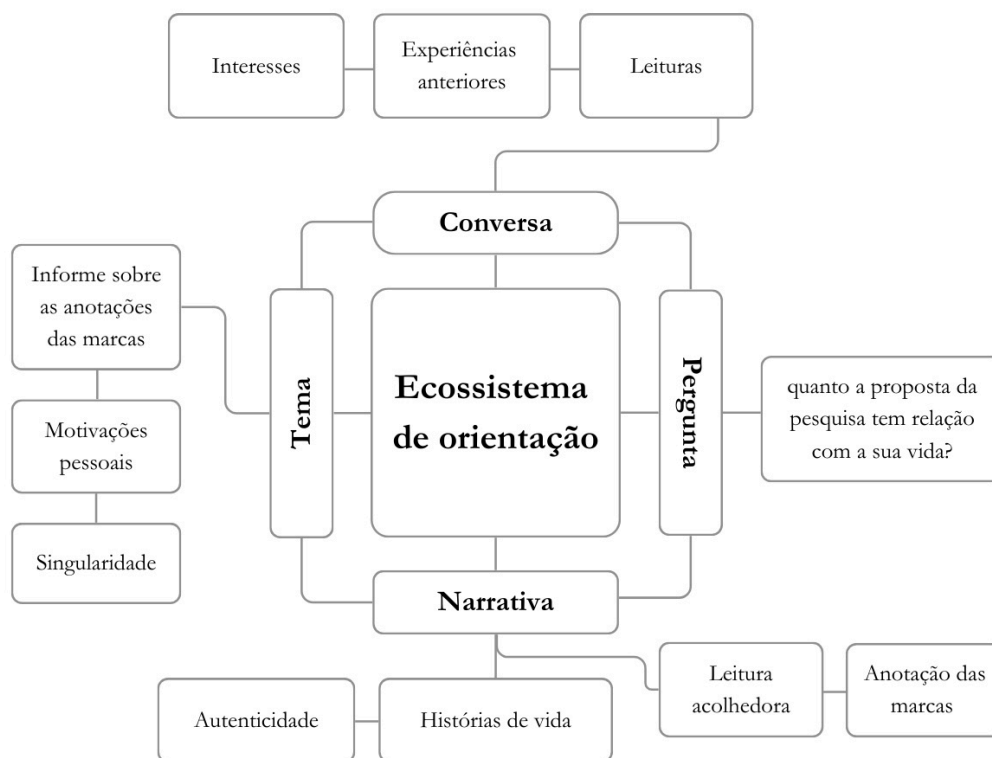
A partir dessa conversa, pergunto o quanto a proposta da pesquisa tem relação com a vida do orientando. Geralmente, nesse momento, há uma pausa ou uma reação de espanto perante o questionamento. Informo que, ao meu ver, para uma pesquisa ser conduzida com entusiasmo e, em alegrias, necessariamente tem que nos provocar algo, nos deslocar, nos mover em intensidades.

Em um segundo momento, sugiro a elaboração de uma narrativa que conte as histórias de vida, a trajetória pessoal, e que seja um movimento de entrega de si às palavras do texto. Reforço a importância de ser uma reflexão vigorosa em que a escolha do que será narrado seja autêntica, e, assumo a minha responsabilidade para com a leitura de forma acolhedora, em respeito integral ao vivido pelo orientado.

O tempo necessário a cada um se manifesta nesse fazer. Há estudantes que me entregam a narrativa em poucos dias e outros somente conseguem elaborá-la em meses. A partir do texto, faço uma primeira leitura como quem lê um conto, buscando me aproximar das pessoas, dos lugares e das situações descritas. Depois, releio de forma a notar as marcas que conduziram o estudante no processo narrativo. Anoto os episódios em que essas marcas estão evidentes e marco um encontro para explicitar minhas percepções.

Na conversa sobre o texto, de antemão informo que me sinto privilegiada por ter acesso àquelas histórias e explico o procedimento que adotei para a leitura. Muitas vezes, ao mostrar minhas anotações e ressaltar os pontos mais marcantes da narrativa somos envolvidos por uma comoção, dada a profundidade do contar e a relevância dos fatos para o orientando. A partir das marcas que são perceptíveis no texto, passamos a um outro momento de descoberta de como seria possível vincular as motivações pessoais e a singularidade daquela existência ao tema de pesquisa.

A figura 1 esquematiza o ecossistema de orientação.



**Figura 1.** Ecosistema de orientação

Durante o processo de orientação da Ana Luiza, Ana Claudia, Regiany, Tiago e Diego, cujos nomes não são fictícios e tive anuência para mencioná-los, passei a me dedicar a um fazer que pudesse nos colocar nesse movimento de entrega a uma pesquisa autêntica na singularidade do que se é.

### **Ana Luiza**

A primeira experiência que tive como catapulta para esse fazer-orientação foi junto à Ana Luiza que já havia sido minha orientanda em um trabalho de conclusão de curso e havia ingressado no mestrado em Educação. Um projeto bem estruturado seguindo a temática da pesquisa anterior. A cada encontro que tínhamos percebia que algo a estava incomodando, numa angústia que a levava a comentar aspectos muito mais amplos do que a investigação demandava.

Havia sempre comentários sobre como as relações humanas estão frágeis, e que se sentia descartável, objetificada. Falava sobre não perceber o outro, ter pouco tempo de escuta, estar inacessível às emoções e de perceber as pessoas tomadas pela solidão. Esse desconforto passou a tomar grande parte do tempo das reuniões de orientação e um dia a convidei para participar de uma aula na graduação, na qual trabalhava com os estudantes um método de compartilhamento de emoções, o “cajón” (AUTOR, 2018). Nesse exercício, convido os estudantes a levarem algo materializado que aguce uma memória que conte um pouco mais sobre eles. São muitas histórias comoventes e, alguns, socializam em sala de aula questões jamais antes mencionadas. Ana se preparou para esse dia. Levou um arame plastificado de fechar embalagens. Contou comovida que quando criança uma amiga morreu pois engoliu um desses lacres e que havia sido a primeira sensação de perda, de tristeza e desolamento que vivenciou.

A partir dessa experiência, decidiu abandonar o projeto inicial e se mobilizou a compreender como que o cajón reverbera afetos e contribui para a promoção de alteridades em sala de aula. Passou a se dedicar a leituras de Zygmunt Bauman e Mikhail Bakhtin que, aos poucos, foram trazendo alento às suas angústias.

### **Ana Claudia**

Bailarina, graduada em Ciências Biológicas que fez iniciação científica no campo da Ecologia, e minha orientanda na pós em Educação. Nas primeiras conversas para definir a proposta de pesquisa, havia um turbilhão de ideias em torno de problemas na educação básica, coordenação de equipes, arte, museus, experiências entusiasmantes, adoecimento docente, biologia, dança... Em meio a esse conturbado processo em busca de encontrar um tema, sugeri que pensasse em três perguntas: o que te move? O que te angustia? O que você quer saber mais?

Três perguntas simples, mas que provocaram um deslocamento em busca daquilo que emergia da autenticidade. Ana Claudia me trouxe após algum tempo, as respostas. Família, presença, desejo de ser mãe, questões sociais. Por ter sido professora em uma escola na periferia da cidade, relatou o quanto os abismos das diferenças econômicas e sociais estavam presentes no cotidiano da docência. Contou sobre um dia que foi para aula vestindo camiseta, calça e um chinelo de dedo quando uma aluna perguntou: - professora, você vai assim para o shopping? Sem entender muito bem o que havia de errado, respondeu que sim e a menina questionou se os seguranças não a seguiam. A estudante disse que se arrumava para ir ao shopping, mas os seguranças a seguiam o tempo todo. Ana não sabia que isso acontecia. Relatou que se sentiu mal por desconhecer o contexto no qual seus alunos estavam imersos e estar totalmente blindada da violência que sofrem.

Desejou desenvolver uma pesquisa para encontrar possibilidades de uma atuação docente generosa, com afeto, encantamento, que considere e valorize a história de vida das crianças na construção do conhecimento, em uma formação de sujeitos que possam transformar a realidade. E assim, foi em busca de leituras de Paulo Freire. E criou o museu dos sonhos possíveis no qual apresenta professores-obras de arte que fazem, como ela, essa docência amorosa.

## **Regiany**

Não a conhecia. Passou no processo seletivo para o mestrado em Educação e foi me procurar com o projeto impresso. Estava esbaforida. Disse que estava pronto. Busquei acalmá-la e fui perguntando as relações do projeto com a vida dela, com o que já havia experienciado, com o que queria para o futuro. Não sabia responder. Sugeri que pensasse. Aleguei que, cada vez mais, tinha compreensão que uma pesquisa para ser realizada em alegrias se faz necessário estar ancorada nas nossas marcas, no que nos mobiliza no mundo. No encontro seguinte ela me trouxe outro projeto técnico, sem relação alguma com ela. Expliquei novamente meu ponto de vista e a convidei para escrever a trajetória dela até ali, para que pudéssemos identificar situações que fossem profundas o suficiente para alicerçar a pesquisa.

Desapareceu. Após uns três meses agendou um encontro. Sentou e me perguntou se poderia ler o que havia escrito. Choramos a cada parágrafo. Conseguiu materializar nas palavras a infância na roça, as dificuldades financeiras, as caçoadas na escola por ser alta, acanhada e usar roupas que não eram da cidade. Contou da dificuldade de se enturmar, de como foi seduzida pelo primeiro namorado, da gravidez na adolescência, da mãe conservadora e da tristeza do pai. Relatou com detalhes os preconceitos que sofreu por parte de professores e colegas por continuar os estudos sendo mãe tão moça. O entusiasmo por ter conseguido ingressar numa universidade pública e a sensação de culpa por ter que se afastar do filho para frequentar as aulas.

Desse texto, passou a investigar outras jovens mães que estavam na universidade e os desafios cotidianos desse enfrentamento. Passou a estudar os feminismos de mãos dadas com Angela Davis. A dissertação culminou na composição de uma carta manifesto, com narrativas de cada uma das mulheres que compartilharam suas percepções acerca do espaço universitário nessa sociedade patriarcal.

## **Tiago**

Foi meu monitor em uma disciplina da graduação e quando optou pela pós em Educação estava ainda muito condicionado aos procedimentos metodológicos do campo das ciências naturais. Havia uma resistência a se colocar no texto, a mobilizar a escrita em primeira pessoa e a se perceber como um pesquisador impossível de não ser subjetivo. Com o passar do tempo do mestrado, fui apresentando questionamentos desafiadores em relação ao projeto com o qual se inscreveu no processo seletivo, pois, embora fosse centrado em uma proposição que fazia parte da vida dele, percebia por meio da dificuldade com a produção textual que talvez aquele tema não seria o seu real interesse. Estávamos quase sem tempo hábil para uma defesa no prazo.

Notei um comportamento de esquiva, de falta de interesse pela temática que havia definido e marquei uma reunião em uma cafeteria para ter a possibilidade de uma conversa mais informal. Chegou e disse que não sabia como começar. Imaginei que iria desistir do curso, mas não, estava passando por uma circunstância complexa de saúde e desejava o meu apoio para conseguir continuar.

Sugeri que escrevesse sobre a sua trajetória e de como a pesquisa poderia ser articuladora de proposições para os desafios cotidianos vividos por ele. Convidei-o a explicitar esses desafios e a buscar nas marcas do vivido situações que pudessem estar latentes e que, talvez, fizessem sentido de serem estudadas.

Dias depois me apresentou umas vinte páginas com o relato de uma vida toda. Problemas familiares e pessoais, intimidação na escola em decorrência de seu corpo e bulimia no início da adolescência. Uma narrativa forte, cheia de paixão, de contrariedades e resiliência. Surgia ali a base de uma pesquisa intensa sobre outras biologias. Uma cartografia da comida e os afetos mobilizados em aprendizagens. E juntamente à dissertação, transformou-se em um pesquisador comprometido, entusiasmado, e com uma escrita sensível.

## **Diego**

Descobri que seria sua orientadora já na metade do semestre em decorrência da pandemia e suspensão de atividades letivas. Fomos nos conhecer pessoalmente quase um ano depois de sua entrada no programa de pós. Engenheiro ambiental. Matemático. Professor da educação básica numa escola particular em uma cidade próxima. Suas primeiras palavras foram: preciso terminar logo/sou muito ansioso. E me apresentou uma proposta de pesquisa de cunho técnico, com comparação de dados em turmas distintas de alunos sobre o conhecimento deles em relação ao Bioma Cerrado. Perguntei: por que você gostaria de estudar isso? Não havia resposta. Sugeri que pensasse melhor e que trouxesse num outro encontro uma nova proposição que fizesse mais sentido para ele.

A outra proposta foi similar. Estudar as dificuldades enfrentadas pelos professores de matemática no ensino fundamental. Novamente perguntei sobre o interesse dele em pesquisar esse assunto. Respostas vagas que me levaram a sugerir que pudesse relatar sua trajetória para que fosse possível perceber, a partir das marcas, um mote inspirador para a dissertação. Percebi a inquietação e o acalmei, informando que essa prática eu estava realizando com vários orientandos e que ele tivesse confiança de que a minha leitura seria em acolhimento. Reforcei que teria muita satisfação em conhecê-lo melhor por meio da escrita.

Um tempo depois recebi vinte e cinco páginas de relatos vívidos de dores, sofrimentos e contradições por ser gay. Fiquei emocionada em saber. Fomos construindo uma amizade a partir de então. Percebeu a ausência de julgamentos e foi, a cada encontro, me contando algo mais e me confessando segredos.

Certa vez me contou que tinha uma vontade muito grande de fazer uma coisa, mas que tinha uma vergonha na mesma proporção. Queria pintar as unhas de preto. Estimulei para que fizesse e insisti que ele estava se fortalecendo para se colocar em resistência a todos os não que o faziam sofrer. Dias depois me enviou uma mensagem: olha o que eu fiz. E veio a foto das unhas esmaltadas. Falou que eu estava sendo a primeira a ver e que aquela atitude tinha mudado o jeito como ele se enxergava, que tinha sido algo muito forte.

O esmalte foi crucial para ele decidir que queria falar sobre a homofobia. Narrar as memórias que tinha de agressões, hostilidade e ódio vivenciados em sala de aula enquanto professor. E assim fez. Produziu uma pesquisa autoral.

## **ESCRITAS OUTRAS**

A partir dessas experiências de orientação fiquei imaginando a potência avassaladora de uma pesquisa de si e a transformação que proporciona a quem se entrega ao processo.

Ao longo dos anos tenho percebido que quando o estudante de fato se entrega a esse fazer-narrativo a escrita é elaborada com maior vigor e em um tempo muito menor do que aqueles que optam por não fazer. Há uma impetuosidade de quem age com paixão para a produção do texto. E embora trabalhoso, o trabalho da investigação acaba sendo em alegrias, com “afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada” (SPINOZA, 2009[1677], p. 98).

E nesse processo tenho estimulado os estudantes a escritas que

materializam a relação afetiva do corpo com o mundo em fluxos intensivos de movimento. Os movimentos emergem de paisagens intensivas da experiência de cada um (RESENDE e colaboradores, 2019, p.224).

Para que possamos passar a “pensar o trabalho de escrita como a possibilidade de um exercício pelo qual nos experimentamos por diferentes modos no ato em que produzimos nossos textos” (MACEDO e DIMENSTEIN, 2009, p. 154).

E para que essa escrita seja possível de se materializar, a partir da experiência que faz sentido para o orientando, tenho afirmado no convite à produção da narrativa a importância de uma entrega ao processo. Muitas vezes a resistência reside na compreensão, oriunda da própria formação universitária, de que um texto acadêmico deve ser isento da própria perspectiva de mundo. Não é raro o estudante me questionar se pode colocar seus sentimentos ao longo da trajetória e, assim, passei a adensar nas reuniões de orientação diálogos sobre os diferentes modos de narrar, de fazer pesquisa e de produzir conhecimentos.

Para delinear alguns traços de aproximação a uma nova possibilidade de pesquisa e criação, faz-se necessário, num primeiro momento, colocar em suspenso nossas concepções de verdade, saber e ciência e, conseqüentemente, seus sentidos, sua legitimidade e alcance (SIEGMANN e FONSECA, 2007, p. 55).

Mediante o convite para narrar sobre si, rompendo com protocolos rígidos de normatização da escrita acadêmica, muitos estudantes declaram se sentirem perdidos, sem saber por onde começar. Estar diante de um vasto universo de possibilidades, sem um direcionamento sobre o que priorizar, pode gerar incômodos pois é um modo outro de pensar sobre a investigação e sobre as próprias concepções de validação científica. Siegmann e Fonseca (2007, p. 61-62) afirmam que “pesquisar implica subjetivar e, portanto, encontra-se no campo da singularização, da imprevisibilidade e da diversidade de trajetórias possíveis”.

Mediante uma formação escolar pautada no previsível, ser desafiado a romper com uma estrutura pré-definida de pesquisa para se lançar a um movimento criativo de escrita ao narrar a singularidade da própria vida que se conecta com o que se deseja estudar, provavelmente é um momento ímpar de ousadia. Os estudantes que se veem convocados a esse desafio se lançam ao desconhecido. Passam a relatar detalhes de suas marcas. Intensificam a memória de vivências e se envolvem numa narrativa com a “potência poética existente em nossos fazeres cotidianos, que nos trazem sempre o impensável e aquilo que não é possível considerar como norma e verdade única no desenvolvimento de uma pesquisa” (SIEGMANN e FONSECA, 2007, p. 62).

Tenho percebido nesse processo de orientação de que quanto mais o estudante se entrega à narrativa de si e, a partir desta, define um tema para a pesquisa, passa a desenvolver uma escrita com uma amplitude maior, pois passa a agregar na investigação diversos pontos de vista que são evidenciados nessa experiência narrativa e que passam a ser considerados como fundamentais para a produção dos dados.

Pensando na metodologia de pesquisa narrativa com Bakhtin (2010), a responsabilidade/responsividade do ato se manifesta no fato de os(as) pesquisadores(as) deixarem de objetivar prioritariamente o corpo de dados para subjetivá-lo na singularidade das relações dialógicas com os sujeitos das pesquisas e suas produções. O conhecimento produzido, nessa situação, é um efeito, ainda que buscado, muitas vezes inesperado, colateral àqueles que provocaram a pesquisa (SERODIO e PRADO, 2017, p.3).

O reverberar dessa narrativa mistura-se à vida. Diversos estudantes ao longo do trajeto de elaboração de textos monográficos, dissertações e teses passam a realizar ações que foram impulsionadas pela própria escrita de si, pois identificam nas situações relatadas desejos moventes e passam a se permitir vive-los. Seja passar um esmalte na unha, comprar uma passagem para o exterior, visitar a avó, mudar de área, engravidar ou fazer a matrícula em aulas de circo. Saber-se capaz a partir do que a pesquisa potencializa. Ter a experiência como fonte de criação. E ter a criação como base para uma escrita acadêmica “que mantenha a intensidade de quando foi produzida, através da afirmação das experiências, dos encontros e dos desvios que ocorrerem no pensamento e na rede de afetos” (MACEDO e DIMENSTEIN, 2009, p. 163).

Esse processo de orientação tem possibilitado escritas outras, que dizem de si e do mundo a partir do vivido, evidenciando “uma vida que é pura potência e que permite aos sujeitos abrirem-se para o novo, criando novas possibilidades de vir a ser”(SIEGMANN e FONSECA, 2007, p. 58). Escritas produtoras de outramentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre esse processo de orientação, para além da possibilidade de compartilhar essa experiência que tem sido elaborada na singularidade de cada encontro, constitui-se como uma materialização de um fazer que só é possível em abertura. Ao elaborar um arcabouço estrutural desse processo, que denominei de ecossistema de orientação, em referência ao ecossistema de criação desenvolvido por Loureiro, percebi a profundidade do envolvimento com cada orientando, em singularidades possíveis somente no encontro e evidenciadas através da elaboração de narrativas de si. Sendo uma aprendiz/criadora de mãos dadas com Suely Rolnik, no entendimento de que somente posso incentivar meus estudantes se me deixar, cada vez mais, ser conduzida pelas minhas marcas sendo exatamente quem eu sou, com toda responsabilidade para viver cada evento na singularidade da existência, tal qual estudo com Bakhtin. Sabendo que a cada novo encontro com um estudante, estaremos em diálogos inconclusos. Em produção de outramentos.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 4ª. ed. 2003.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da obra de Dostoiévski* (Versão de 1929) [Problems of Dostoevsky's Creative Arts1 (1929 Edition)]. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2022, 381p.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. 1972-1990. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1998.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. A Capacidade de outrar-se: diferenças como desafio para a prática do cuidado e aconselhamento pastoral. *Rev. Pistis Prax.*, v. 3, n. 2, p. 425-447, 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449749238006>>. Acesso em: 04/11/2023.

KIRST, Patrícia Gomes; GIACOMEL, Angélica Elisa; COSTA, Luis Artur; ANDREOLI, Giovani Souza. Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 91-101, 2003.

LOUREIRO, Domingos. Identidade artística autoral como motriz do ecossistema da criação. In: FERREIRA, António Quadros (Org.). *A pintura é uma lição*. Sciencia potentia est. Porto: i2ADS – Edições Afrontamentos, p. 105-128, 2022.

MACEDO, João Paulo; DIMENSTEIN, Magda. Escrita acadêmica e escrita de si: experienciando desvios. *Mental*, ano VII, n. 12, p. 153-166, 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272009000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272009000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 04/11/2023.

MARTINS, Edson Soares; LEITE, Francisco de Freitas; PONTES, Newton de Castro. Dois problemas decisivos sobre Para uma filosofia do ato: o mundo cindido e os atributos do Ser e do ato ético. *Bakhtiniana*, v. 7, n. 2, p. 123-141, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/10688/9333>>. Acesso em: 04/11/2023.

PINHEIRO, Marina; LEITÃO, Selma. Bakhtin e a "vida dos outros". *Revista Mal-estar e Subjetividade*, vol. X, n. 1, p. 87-110, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v10n1/v10n1a05.pdf>>. Acesso em: 04/11/2023.

PIRES, Vera Lúcia. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. *Organon*, v.16, n. 32-33, p. 35-48, 2002. <<https://doi.org/10.22456/2238-8915.29782>>

PRADO, Guilherme Do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura Angelica; SIMAS, Vanessa França. Fontes de informações, Registros investigativos e Modos de produção de conhecimentos: uma compreensão da pesquisa narrativa articulada em três dimensões. *Revista de Educación*, Ano XIII, n. 25.1, p. 101-118, 2022. Disponível em: <[https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/r\\_educ/article/view/5831/6011](https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/r_educ/article/view/5831/6011)>. Acesso em: 04/11/2023.

RESENDE, Catarina; CÂMARA, Júlia; LOYOLA, Luiza; GUIMARÃES, Victória. Micropolíticas do sensível, corporeidade e clínica. *Repertório*, Salvador, ano 22, n. 32, p. 220-243, 2019. <<https://doi.org/10.9771/r.v1i32.26580>>

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUCSP*, v.1, n.2, p.241-251, 1993. <<https://doi.org/10.2354/cs.v1i2.38134>>

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. Influência, inspiração e improvisação como categorias hermenêuticas. *Terceira Margem*, n. 25, p. 127-147, 2011. <<https://doi.org/10.55702/3m.v15i25.10799>>

SEIDEL, Verônica Franciele. Da singularidade à polifonia: uma proposta de releitura da teoria bakhtiniana. *Bakhtiniana*, v. 17, n.1, p. 39-57, 2022. <<https://doi.org/10.1590/2176-457352595>>

SERODIO, Liana Arrais; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Escrita-evento na radicalidade da pesquisa narrativa. *Educação em Revista*, n. 33, e150044, p. 1-18, 2017. <<https://doi.org/10.1590/0102-4698150044>>

SIEGMANN, Christiane; FONSECA, Tania Mara Galli. Thinking case-studies as a strategy for producing knowledge. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v.11, n.21, p.53-63, 2007. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1801/180115442006.pdf>>. Acesso em: 04/11/2023.

SPINOZA, B. *Ética* (1677). Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

## **CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS**

Autora 1 – Coordenadora do projeto, idealizadora, participação ativa na produção e análise dos dados, escrita do texto e revisão da versão final.

## **DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE**

A autora declara que não há conflito de interesse com o presente artigo.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.